



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
TCC - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

ADNA KELLY VIEIRA DA SILVA FERREIRA

**OS ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS DEIXADOS PELOS
ESCRAVIZADOS, UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA: *DO OUTRO LADO TEM
SEGREDOS DE ANA MARIA MACHADO***

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2024**

ADNA KELLY VIEIRA DA SILVA FERREIRA

**OS ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS DEIXADOS PELOS
ESCRAVIZADOS, UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA: *DO OUTRO LADO TEM
SEGREDOS DE ANA MARIA MACHADO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba- Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura.

Orientador: Prof. **Dr. Aurílio Farias
Conceição**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Adna Kelly Vieira da.

Os aspectos culturais e religiosos deixados pelos escravizados, uma análise a partir da obra [manuscrito] : do outro lado tem segredos de Ana Maria Machado / Adna Kelly Vieira da Silva. - 2024.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição, Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. escravidão. 2. religião. 3. cultura. I. Título

21. ed. CDD 808.068

ADNA KELLY VIEIRA DA SILVA FERREIRA

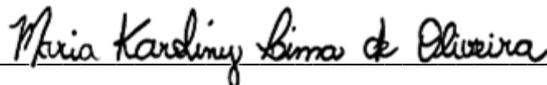
**OS ASPECTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS DEIXADOS PELOS
ESCRAVIZADOS, UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA: DO OUTRO LADO TEM
SEGREDOS DE ANA MARIA MACHADO**

APROVADA EM: 19/05/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição
Orientador - UEPB/CAMPUS IV



Profª Me. Maria Karoliny Lima de Oliveira
Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Esp. Natan Severo de Sousa
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu forças para superar todas as dificuldades encontradas ao longo do curso, também sou grata ao meu pai, minha mãe e meu marido porque sempre me apoiaram e me incentivaram a continuar. Ofereço meus sinceros agradecimentos a toda minha família, aos meus filhos: Miquéias e Isabella, por sempre me impulsionarem a perseguir meus sonhos.

Minha gratidão genuína ao meu irmão Joabe, minha cunhada Joana, Maria Alice, minha sobrinha, e meus avós. Durante toda a minha caminhada no curso de Letras, tive colegas, parceiros e amigos compreensivos ao ofertar-me suas palavras positivas, e também os professores que contribuíram com seus ensinamentos preciosos, a todos o meu profundo agradecimento. De modo especial, agradeço ao meu orientador Auríbio Farias por toda dedicação, apoio e conselhos bem fundamentados, além disso, expresso uma imensa gratidão a todos que de forma direta ou indireta participaram da realização desse projeto.

Se o Criador deu asas para voar e eu aprisiono os pássaros, certamente sou individualista que não se importa com o desconforto e sofrimento das demais criaturas. Não estou evoluindo.

JWANKA

RESUMO

As particularidades festivas apresentadas por Ana Maria Machado despertam interesse e curiosidade, pois remetem a uma trajetória histórica e sofrida de pessoas escravizadas que marcaram nossa história. É exatamente por esta razão que a pesquisa se concentra sobre os aspectos culturais e religiosos deixados pelos escravizados a partir da obra: “do outro lado tem segredos”. O objetivo do presente trabalho é analisar como se desenrolou os traços da escravidão, cultura, religião e suas características a partir da obra literária: *do outro lado tem segredos* de Ana Maria Machado. Realiza-se, então, uma pesquisa bibliográfica, de análise qualitativa, utilizando-se de livros e periódicos. Para desenvolver o tema foi utilizado por base teórica os seguintes autores: Abreu (1998), Franz (2012) Freyre (1995), Leite (2017) e Reis (1997). Diante disso, verifica-se que apesar da escravidão ter sido algo triste a história foi importante para as gerações futuras, além disso, as pessoas contribuíram para o enriquecimento dos pontos destacados, bem como da literatura. Tudo isso impõe a constatação de que todo o percurso e memória dessas pessoas devem ser respeitados e suas crenças não podem ser ofendidas, negligenciadas e nem esquecidas.

Palavras-chave: Escravidão; Religião; Cultura.

ABSTRACT

The festive peculiarities presented by Ana Maria Machado arouse interest and curiosity, as they evoke the historical trajectory and suffering of enslaved people who shaped our history. It is precisely for this reason that this research focuses on the cultural and religious aspects left by the enslaved in her work *do outro lado tem segredos*. The objective of this paper is to analyze how the traces of slavery, culture, religion, and their characteristics are portrayed in the literary work "*do outro lado tem segredos*" by Ana Maria Machado. The research methodology employs a qualitative bibliographic analysis, utilizing books and periodicals. The theoretical framework is grounded in the works of Abreu (1998), Franz (2012) Freyre (1995), Leite (2017) and Reis (1997). Despite the sorrowful nature of slavery, it is evident that this period in history holds significance for future generations. The contributions of enslaved people enriched the aspects highlighted here, as well as literature as a whole. This underscores the importance of respecting the entire trajectory and memory of these individuals, ensuring that their beliefs are not offended, neglected or forgotten.

Keywords: Slavery; Religion; Culture.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	9
2. A RELAÇÃO DO PERÍODO DE ESCRAVIDÃO NO BRASIL COM A ATUALIDADE	10
2.1 Influência da escravidão na religião e na cultura	10
2.2 Traços marcantes da vida dos negros no pós-abolição	13
3. A RELAÇÃO ENTRE FICÇÃO E A REALIDADE DOS ESCRAVIZADOS	16
3.1 Ana Maria Machado e sua obra: do outro lado tem segredos.....	16
3.2 As marcas da escravidão na obra de ficção: do outro lado tem segredos	19
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

A cultura brasileira é de uma imensurável riqueza histórica que cativa e inspira, esse é um ponto que se deu pelo processo de miscigenação, onde é possível observar uma grande disparidade entre as características culturais de raízes brancas e de raízes negras, no sentido de como elas são vistas dentro da sociedade. Existe uma certa desigualdade que foi ocasionada desde muito cedo quando os donos impediam os escravizados de expressarem sua cultura e religião, essa repressão transmite seus reflexos até a atualidade. A ideia de buscar mais informações sobre o tema surgiu a partir da a curiosidade em relação aos aspectos religiosos e culturais apresentados em *do outro lado tem segredos*, tal pesquisa irá contribuir diretamente para o meio social e acadêmico. Tendo em vista que a história do Brasil ainda é cheia de lacunas que precisam ser preenchidas em relação ao período de escravidão e pós-abolição.

Portanto, o objetivo desse trabalho é analisar como se desenrolou os traços da escravidão, cultura, religião e suas características a partir da obra literária: *do outro lado tem segredos* de Ana Maria Machado. Para isso, é preciso discorrer sobre as marcas que a escravidão gerou no pós-abolição, argumentar acerca da religião e crenças dos negros escravizados de acordo com o que foi apresentado na obra em análise e expor reflexões em relação as características da escravidão mostradas na obra como uma forma de debate consciente.

Do outro lado tem segredos é uma obra infanto-juvenil que trata de vários aspectos históricos e culturais referente à vinda dos negros para o Brasil. As características vão sendo reveladas através de lembranças que os mais velhos contam a Bino, personagem principal, essas memórias vão revelando conhecimentos sobre a África, tradições e beleza cultural. Ana Maria Machado escreve essa obra a partir de lembranças vividas na infância.

O presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: O primeiro ponto discutido foi a relação do período de escravidão no Brasil com a atualidade, influência da escravidão na religião e cultura, como também nos traços marcantes da vida dos negros em relação ao pós-abolição. O segundo ponto irá descrever a compatibilidade entre ficção e a realidade dos escravizados. Nessa parte está contida informações sobre Ana Maria Machado e também a respeito de *do outro lado tem segredos*.

Seguidamente conterà discussões sobre as marcas da escravidão na obra de ficção analisada.

A metodologia adotada para o desenvolvimento desse trabalho é de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa, pela qual foi obtida a base teórica de acordo com a temática em discussão. Logo, foi fundamental recorrer a alguns autores afim de fortalecer os argumentos expostos. São eles: Abreu (1998), Franz (2012) Freyre (1995), Leite (2017) e Reis (1997) que em seus escritos tratam de questões sociais destes períodos históricos discutidos no trabalho.

2 A RELAÇÃO DO PERÍODO DE ESCRAVIDÃO NO BRASIL COM A ATUALIDADE

2.1 Influência da escravidão na religião e na cultura

A religião é um forte aspecto em todas as culturas, ela está presente de forma exuberante para mostrar crenças, costumes, hábitos e até mesmo para dizer muito sobre quem é cada um. Por isso, não seria diferente no livro *Do Outro Lado Tem Segredos* (1980), pois a religião tem um forte traço marcante que se faz presente do início ao fim, mostrando as lutas e as vitórias do povo negro. Se tratando da característica histórica, hoje é possível saber que os escravizados, não podendo cultuar seus "deuses" e entidades próprias de suas religiões africanas, usaram de um fenômeno que ficou conhecido como "sincretismo religioso", onde eles pegavam imagens de santos católicos e diziam prestar-lhes culto, mas na verdade as imagens eram usadas como uma espécie de "véu", entretanto estavam de fato cultuando suas entidades de devoção e não o santo da imagem, estas serviam apenas de distração para os seus senhores. No livro temos retratado a procissão do rei Congo (a congada) que é de característica da religião puramente africana chamada de Catolicismo-africano. O que aconteceu foi a conversão do rei Congo, porém este apenas acrescentou elementos do catolicismo aos costumes africanos, assim criando uma nova religião e claro podendo fazer uso de nomes dos santos católicos, que não são necessariamente os mesmos santos da Igreja Católica Apostólica Romana.

É importante deixar claro que o Catolicismo-romano também atua fortemente na África em tempos atuais, todavia acaba se diferenciando do africano por diversos traços, mesmo alguns historiadores afirmando que o "novo catolicismo" africano não é uma cópia do que os portugueses trouxeram. Como diz Franz (2012):

O catolicismo africano foi a adoção de propriedades do cristianismo mostrado pelos europeus à religião tradicional centro-africana. Assim, foi único, pois além da religião tradicional desse povo ser única, generalizando, os congoleses só retiraram do catolicismo o que era interessante para eles. (Franz, 2012. P. 80).

Algumas características do Catolicismo-africano, demonstram que a religião de fato está mais ligada ao "espiritismo" do que ao Cristianismo-católico, de fato não seria

uma cópia, mas sim outra religião que deixa evidente a cultura regional africana. Nessa visão, o mundo seria dividido em duas partes, sendo uma delas habitada por espíritos e a outra pelos vivos. No pensamento dos congolese os seres espirituais que habitam a região dos mortos, teriam forte influência na região dos vivos, logo as pessoas desse plano precisariam buscar proteção com as forças espirituais. E claro, diferentemente da Igreja Romana, no Catolicismo-africano é possível manter contato com os espíritos, entidades ou ancestrais que já se foram, como bem cita a Franz (2012): — “Os principais caminhos de comunicação entre os dois mundos são através da água ou de túmulos, e os rituais são confiados neles (líderes religiosos)” (p. 81).

O livro *Do Outro Lado Tem Segredos* não mostra a realidade por trás do que de fato é a religião apresentada, apenas retrata uma pequena característica do que seria a religião, podendo assim definir como sendo uma pequena “ideia” do que de fato é... Para algumas pessoas leigas no assunto, poderia até confundir, achando que se trata da religião Católica Apostólica Romana, pela simples menção do nome de um santo, porém este faz jus a uma entidade africana chamada *Ossaim*. Mas na realidade, quem seria tal Orixá, e por que ele é sincretizado com São Benedito? — Para que haja sincretismo religioso, é preciso haver semelhanças entre as duas figuras mencionadas.

Para a Igreja Romana, São Benedito foi um homem pobre e negro, é um santo franciscano relacionado a cura, ao qual intercede pelos pobres, doentes e cozinheiros; já a entidade *Ossaim* é descrito como um grande feiticeiro ligado a ervas medicinais, a floresta, também podendo realizar curas e milagres. É possível ver que há semelhanças entre os dois personagens, no entanto, eles não são os mesmos. Outra característica que deixa evidente essa marca distinta é que São Benedito foi um humano escravizado e teria nascido em 1525. Por outro lado, não há provas históricas que *Ossaim* tenha existido, pois nunca foi uma pessoa humana, mas sim um ser espiritual como sendo um “deus”, um espírito que sempre existiu, sem ter início ou fim.

Atualmente é possível ver no site oficial do vaticano (em português), algumas informações relacionadas a conversão de um rei que converteu-se ao catolicismo-romano no final do século XV, este traz o nome do rei como sendo: Kongo Nzinga Nkuwu. Ao decorrer do texto, podemos perceber que a história de como a religião foi implantada no reino do Congo cresceu e ainda cresce, no entanto, é notório que o autor só menciona o rei Congo uma única vez, desse modo, fazendo-o desaparecer

como se não tivesse existido, mas será que é o mesmo rei Congo? – Algumas fontes acabam por modificar a escrita do nome do rei Congo, que logo passa a ser chamado de *Lukeni Lua Nimi* ou *Nímia Luqueni*, mas ele continua sendo a mesma pessoa.

O fato de mencionar o rei Congo nos textos Católicos é devido a importância que ele teve ao levar a religião para dentro da África, e foi a partir disso que o Catolicismo cresceu tanto e houveram muitas conversões, bem como um crescimento considerável de vocações para a religião, um exemplo é o número de sacerdotes, como evidencia o texto disponível no site:

(...) A Igreja Católica congoleza continua a estar entre as mais fecundas da África. Testemunha disso é o crescimento dos fiéis, que representam cerca de 33% da população para 90% cristãos (sendo 22% protestantes e 19% pentecostais e evangélicos); a alta participação nas Missas, mesmo entre os jovens; o florescimento das vocações ao sacerdócio e à vida religiosa; o zelo missionário das comunidades eclesiais; o dinamismo dos leigos que participam ativamente da vida e da missão da Igreja; sua ampla presença na sociedade e na mídia. (Vatican News, 30 de janeiro de 2023, 17:25).

O rei Congo não é mencionado e nem tão conhecido entre os católicos, pelo simples fato de que por volta de 1495 ele acabou voltando a religião tradicional, o motivo dessa mudança era porque a Igreja Católica não é adepta ao costume da poligamia, logo deu início ao Cristianismo-africano, nome da religião africana com costumes tradicionais que agora teria sido criada por ele; mesmo assim o filho e sucessor do rei Luqueni continuou sendo Católico Apostólico Romano, e depois da morte de seu pai o Cristianismo acabou por se consolidar de vez no país. Mesmo assim, o rei Congo e sua história não é citada dentro da Igreja Católica e nem tão pouco em livros Católicos, e um dos motivos seria a visão “diabólica” que a Igreja e alguns membros teriam sobre essa religião congoleza, como é explicado em:

O catolicismo africano que ali se desenvolveu foi aceito pelas autoridades portuguesas e de Roma, religiosas e políticas. Mesmo assim, os missionários viam partes da religião congoleza como diabólica, principalmente o transe, a base da comunicação entre os dois mundos. (Franz, 2012. p. 85).

As diferenças entre a cultura e as crenças individuais de cada lado acabaram contribuindo para essa separação, desse modo, temos o Catolicismo-africano com suas particularidades que não devem e não podem ser confundidas, distorcidas ou ignoradas. Ainda assim, é importante mencionar que essa característica foi de fundamental importância para a cultura. Hoje em dia é possível observar que quando

os escravizados foram obrigados a se converterem ao Catolicismo isso contribuiu para o crescimento da cultura brasileira, bem como o enriquecimento do idioma português, adotando palavras novas, expressões e até mesmo dialetos; do outro lado não foi diferente, pois a cultura africana também traz os traços dessa influência nas comidas, dança, música e idioma.

Todos esses detalhes contribuíram para o enriquecimento da fé e cultura de um país, bem como as questões que estão ligadas diretamente ao cotidiano do povo brasileiro e do povo africano, pois hoje em dia os jovens podem ter contato direto com tantas histórias através das músicas, livros, divertimento como é o caso de jogos e outras manifestações culturais em ambos os países, tanto Brasil como a África.

2.2 Traços marcantes da vida dos negros no pós-abolição.

A libertação veio seguida da incerteza de como seria a sobrevivência depois da liberdade, sem empregos os negros foram obrigados a aceitar “pagamentos” mínimos que mal dava para garantir a sua alimentação, ou seja, sem nenhuma esperança de mudança de vida, eles estavam apenas subsistindo na sociedade pós-abolição. Diante disso, as expectativas que os abolicionistas tiveram durante todo o período de luta contra a escravidão foram frustradas ao verem que mesmo depois de libertos não houveram medidas para integrar os negros na sociedade.

O fim da escravidão foi um período tenso para os senhores porque os escravizados dificilmente continuariam nas fazendas, onde foram brutalmente maltratados, mesmo se fosse oferecido pagamento pelo trabalho que fizessem a partir da libertação. Mesmo com a incerteza da continuação do comércio, o Brasil foi pressionado de um lado pela população, pelos outros países do continente americano, visto que era o último país que ainda mantinha o trabalho escravo, a resistência dessas pessoas escravizadas somou grande força para que isso acontecesse, já que não aguentavam mais viver daquela maneira. Por um lado, tinha os senhores possuindo terras e todo lucro obtido do trabalho delas, e do outro lado tinha os negros, sem terras, sem dinheiro e com baixas expectativas de sobrevivência.

Os senhores, para tentar driblar o abandono, estabeleceram salários para tentar de uma forma “prender” os libertos nas fazendas afim de não perderem os trabalhadores braçais. O salário estabelecido deveria ser baixo para impedi-los de sair para outras fazendas em busca de melhores condições de vida, ou seja, se o

pagamento seria o mesmo em todas as fazendas não teriam motivos para abandonar o emprego atual.

Apesar da libertação ter acontecido há muitos anos atrás essa ideologia preconceituosa perdurou até a atualidade, entretanto os negros aos poucos foram ganhando espaço na sociedade e esse “ganho” é totalmente fruto da sua força de resistência contínua, que apesar de tanta dificuldade e preconceito não deixaram de lutar para fazerem valer os seus direitos. Essa força que eles têm e continuam tendo foi essencial para não deixar a sua cultura desaparecer por causa da pressão do Catolicismo que tentava a todo custo impor a sua religião e cultura. Na contemporaneidade a cultura afro está presente em vários aspectos como culinária, religião e até mesmo esportes.

Por exemplo, quando falamos em aspectos culturais temos a capoeira que faz parte da cultura afro-brasileira e teve suas primeiras aparições no período de escravidão, foi uma forma que os negros encontraram para defender-se das agressões sofridas, ela foi desenvolvida a partir da junção de traços culturais trazidos da África. A luta era muito praticada entre os escravizados sempre com a presença da musicalidade, que sempre se faz presente em boa parte da tradição afro, e movimentos que simulavam uma dança. Para Reis: — “A capoeira é uma manifestação cultural brasileira nascida em circunstâncias de luta por liberdade, nos tempos da escravidão”. (1997, p. 19). Os donos das pessoas escravizadas não admitiam nenhuma forma de resistência, por isso os movimentos da luta eram bem parecidos com uma dança, era uma forma de enganar os senhores enquanto ganhavam força. Atualmente a capoeira não é tida como luta, mas sim como um jogo cultural que os afrodescendentes juntamente com casas culturais seguem lembrando a história das suas raízes a partir dessas manifestações.

Há grande influência dos escravizados também na criação de alguns pratos típicos brasileiros existentes até hoje. Os negros se alimentavam do que restava do preparo da comida dos senhores, então, eles tiveram que utilizar partes de animais que geralmente seria jogado fora, porque os "donos" se alimentavam das melhores partes dos animais. A feijoada e a rabada são dois grandes exemplos de comidas típicas brasileiras que tem como base a orelha, pé e até mesmo o rabo de boi ou de porco. O que hoje é utilizado como forma de "tempero" no período de escravidão era o a única fonte de alimentação que tinham.

É por esses motivos que a literatura brasileira e a africana são ricas com conteúdo que abrangem as duas culturas, tanto a africana contendo traços marcantes da cultura do Brasil que está presente em livros, na arte brasileira, que retrata detalhes riquíssimos da cultura africana... isso significa dizer que as duas estão mais que interligadas, mas que são irmãs, bem como o povo, marcados pela história, pelo tempo e pela força.

3. A RELAÇÃO ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE DOS ESCRAVIZADOS

3.1 Ana Maria Machado e sua obra: do outro lado tem segredos

Ana Maria Machado nasceu em 24 de dezembro de 1941 (82 anos), Santa Tereza, Rio de Janeiro. Ela é escritora e jornalista, foi a primeira autora de livros infanto-juvenis a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Nos anos de 2012 e 2013 foi a presidente da Academia. Formada em Letras Neolatinas na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e pós-graduada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, lecionou em alguns colégios e faculdades. A sua carreira como escritora iniciou-se após receber uma encomenda para escrever pequenas histórias de livros infanto-juvenil para a revista *Recreio*. Ela fez parte do movimento de resistência dos professores durante a ditadura militar e acabou sendo presa após o AI 5. A sua escrita é conhecida por ter uma linguagem que aproxima do cotidiano, ela escolhe as palavras afim de tornar seus livros acessíveis a todos.

Ana Maria Machado tem mais de cem livros publicados e recebeu dezenas de prêmios. *Do Outro Lado Tem Segredos* obra de sua autoria onde ela fala sobre memória, infância e identidade; é conhecida por ser a primeira novela infanto-juvenil brasileira com protagonistas pretos, nesta obra ela relata algumas lembranças da infância vivida no litoral de Espírito Santo, como também da observação do contexto da época. Alguns personagens deste livro realmente existiram e as histórias e conversas contadas também aconteceram de verdade. O enredo é narrado em terceira pessoa, ou seja, o narrador é onisciente. A história desenrola-se numa pequena vila chamada Guriri - ES, a partir da curiosidade de um menino chamado Bino, personagem principal, que deseja descobrir o que existe do outro lado do mar, ele vai tentando descobrir conversando com os idosos, a cada pessoa que ele perguntava foi descobrindo alguns relatos emocionantes sobre o passado daquele povo.

A abolição da escravatura aconteceu em 13 de maio de 1888 por meio da lei Aurea, isso ocorreu a partir da resistência dos escravos e da pressão popular. O Brasil era o único país que ainda mantinha o trabalho escravo, mas depois de muita persistência os escravos conseguiram a “liberdade”. Após a libertação eles enfrentaram grandes desafios porque não houveram medidas para integrá-los economicamente na sociedade, ou seja, foram somente “instalados” sem nenhuma

garantia de proteção social. Os libertos não conseguiram concorrer a vagas de emprego, não receberam nenhuma indenização, não tiveram direito a terras e nem acesso à educação.

Os ex-escravos foram abandonados à própria sorte. Caberia a eles, daí por diante, converter sua emancipação em liberdade efetiva. A igualdade jurídica não era suficiente para eliminar as enormes distâncias sociais e os preconceitos que mais de trezentos anos de cativo havia criado. A Lei Áurea aboliu a escravidão, mas não seu legado. Trezentos anos de opressão não se eliminam com uma penada. A abolição foi apenas o primeiro passo na direção da emancipação do negro. Nem por isso deixou de ser uma conquista, se bem que de efeito limitado (COSTA, 2008, p.12).

Ana Maria Machado em sua obra *Do Outro Lado Tem Segredos* teve sua primeira publicação em 1980 e reconta a história com personagens negros descendentes de pessoas que foram escravizadas e que tinham a pescaria como fonte de renda. “Filho de pescador, neto de pescador, na certa Bino também ia sair para o mar numa canoa quando crescesse um pouco mais” (p.9). A pesca possivelmente foi uma das formas de trabalho que eles encontraram para sobreviver no mundo pós-abolição. Nesta obra a maior parte das pessoas trabalham com peixes, desde criança ao idoso, cada um com sua função. As mulheres por sua vez ficavam com a parte da limpeza dos peixes. Pelo contexto é possível perceber que a pescaria era o sustento deles há muitas gerações, e dada as condições daquele povo seria difícil alguém ter alguma outra profissão diferente.

No decorrer do livro há vários relatos de recordações do período da vinda dos africanos para o Brasil. O “tráfico-negreiro” teve início por volta da década de 1550 com a necessidade de os Portugueses terem trabalhadores braçais no período de colonização.

Coisa triste da viagem, do cativo, dos maus tratos. Pai para um lado, filho para o outro, pancada, todo mundo sem entender nada do que estava acontecendo, tudo amontoado no porão, preso com corrente, sem saber para onde ia, sem querer comer para ver se morria de uma vez e acabava com aquele inferno... (MACHADO, 1980, p.33-34)

O tráfico ultramarino foi o principal meio para trazerem os africanos para o Brasil, e nesse processo eles eram separados dos familiares e sofriam maus tratos, as agressões constantes tinham como finalidade mostrar força. O tráfico de negros africanos perdurou por mais de 300 anos, durante todo esse tempo eles foram tratados

de forma desumana, a violência era a principal via para incutir medo afim de impedir possíveis fugas e revoltas futuras. Segundo Clóvis Moura e Soraya Silva (2004):

A relação de escravos fugidos com marcas de tortura e castigo percorre todo o período da escravidão e era um mecanismo da classe senhorial para manter o cativo em estado de absoluta sujeição e obediência, sem o que o trabalho escravo não conseguiria se manter por muito tempo. (p.126)

Diante disso, fica evidente tanto a violência quanto a tortura em relação aos negros, pois se os donos mostrassem alguma fraqueza não conseguiriam manter o controle, ampliando assim, as rebeliões. Dentro do enredo acontece uma festa histórica, festa de São Benedito, um santo negro que nasceu escravo, mas foi liberto na infância. A festa tornou-se tradição em algumas cidades do Brasil, os moradores de Guriri - ES onde desenrola-se a história são devotos a este santo, todos aguardam ansiosos a chegada dessa festa, isso fica claro em algumas passagens do livro, como: — “Vai ter procissão e quermesse, aquelas barraquinhas todas, com prenda, rifa, muita música.” (MACHADO, 1980, p.37) — Este seria um momento que eles têm de expressar sua fé, cultura e tradição.

A Congada é um dos principais acontecimentos dentro da festa de São Benedito. Essa festa tem matriz africana e teve suas primeiras aparições no período de escravidão e por influência do catolicismo houve uma ressignificação de divindades cultuadas durante a celebração. A congada geralmente acontece nas festas dos *santos negros* afim de festejar alguém que foi de grande importância ao representar sua raça. Este festejo tem a finalidade de celebrar e agradecer as divindades que foram santos protetores dos negros no período de escravidão. Essa gratidão é expressada por meio de danças, músicas e toda uma representatividade da história, da cultura e da força um povo.

Do outro lado tem segredos é permeado de trechos de músicas com traços histórico-culturais: — “E cantavam: Vai puxando pro seu rendimento que São Benedito é filho de Zâmbi.” (MACHADO, 1980, p.56). O “Zâmbi” é um deus para a nação de Angola e Umbanda. Ao dizer que São Benedito é filho de Zâmbi faz alusão as suas raízes, sua crença e sua identidade com a finalidade de recordação. O livro demonstra a importância da divindade Zâmbi, também referindo-se a ele como “Zumbi”:

Eu sei que tinha um Zumbi que era rei e veio para o lado de cá, preso, cativo. Depois o filho dele fugiu. Levou muita gente junto. Fizeram um quilombo, reino

de preto que não era mais cativo. Lutaram muitos anos para conseguir não ser cativo de novo. Os filhos tiveram filhos. O rei chamava sempre Zumbi ou um nome parecido. Até que os bandeirantes chegaram e acabaram com tudo. (MACHADO, 1980, p.57)

Diante disso, é possível notar a importância de Zumbi dentro da obra, pois a todo momento ele é representado como um rei importante que cativou aquelas pessoas com suas lutas e história, onde os pais iriam passar seu legado de geração em geração.

3.2 As marcas da escravidão na obra de ficção: do outro lado tem segredos

O livro inicia-se com uma breve apresentação de quem seria Bino, o personagem principal, que era pescador como o pai. A narração evidencia o jovem como sendo esperto e curioso, sempre observando o mar e procurando os seus segredos. Essa é uma das marcas geradas pela escravidão, a pescaria passada de geração em geração, também evidenciando a dificuldade que existe dia após dia para conseguir renda o suficiente, ou seja, dinheiro que dê para comprar outras coisas além da comida para a sobrevivência diária, como é relatado na seguinte passagem:

Demorou tanto tempo que quando resolveu e todo mundo foi atrás só deu umas três redadas boas. Aquilo era dia de botar mais de dez redes. E de ficar a vila toda pela noite adentro salgando peixe e cantando debaixo dos quitungos. E de entrar um dinheirinho para tanta coisa que a gente vive querendo. (MACHADO, 1980, p.11)

Mesmo com tão pouco, eles eram felizes e bem-humorados. Bino amava esse trabalho de pescador, sempre ajudando a armar as redes de pesca, para ele era “bonito de ver e gostoso de fazer” como é relatado, sempre que a pescaria era boa, quando tinha muitos peixes eles dançavam e cantavam dentro dos barcos, pois a música durante esse momento significava um impulso a mais, onde eles trabalhavam com mais dedicação. Quando os homens voltavam para casa era vez das mulheres fazerem sua parte com a “preparação dos peixes”, esse trabalho se estendia a noite inteira, onde elas iriam: abrir, limpar, salgar e colocar para secar.

Bino era um jovem sonhador que amava “pensar na morte na bezerra”, como era dito pelo seu amigo Dilson, sempre distraído, quando estava sozinho, e isso significava dizer que os pensamentos estavam amontoados na cabeça dele,

observando o mar e suas ondas ele ficava reflexivo e se questionava: — “Como é que pode, né? Tem tanta coisa no mar... a gente olha assim, vê só um monte de água, com espuma, mexendo, cada dia de cor diferente. Mas tem muita coisa que a gente não vê.” (MACHADO, 1980, p. 21). — O mar para ele era um mistério a ser desvendado e sempre curioso queria saber o que tinha do outro lado.

Bino queria um barco a motor, era um sonho a conquistar, mas Dilson sabia que era difícil nas condições atuais que eles possuíam, era preciso ir para a escola, estudar, ir para a cidade, arranjar um bom emprego e ganhar muito dinheiro. O livro demonstra suavemente que os “descendentes” da escravidão precisavam suar, trabalhar duro para conseguir algo na vida, o que seria diferente se eles fossem descendentes dos senhores dos escravizados, e no final há uma amenizada no tom usado com a seguinte frase: — “... E aí ele ia dar um jeito de ver tudo o que tem do outro lado do mar”. — Afim de deixar mais claro a finalidade da ideia do protagonista da história.

Mas claro que Bino era trabalhador e não ficava muito tempo nos seus devaneios, ele logo partiu para o trabalho, foi para o mar e observou o encontro do céu e da água, ele encontrou uma estrela de cinco pontas e levou para casa, estava feliz por ter encontrado aquele tesouro, mas quando a avó dele viu, apenas disse que as estrelas que importavam era as do céu, pois a estas dava-se para fazer pedidos, mas Bino não desanimou pois: — “Bino sabia que a avó, já bem velha, gostava muito de falar umas coisas esquisitas, a que ninguém dava muita atenção.” (MACHADO, 1980, p. 28). Porém, ele queria saber mais histórias relacionadas ao mar, e principalmente o que tinha do outro lado.

A avó de Bino certamente ficou pensativa sobre os maus tratos e tanto sofrimento que o povo africano sofreu do outro lado do mar, ela observava o horizonte com o olhar perdido, como descreve o narrador, e acabou falando algo que ele não entendeu bem; certos detalhes para ele não ficam evidentes como para o leitor, e logo a avó desconversa e mudando de assunto bino tem a certeza que: — “Mas a resposta não parecia muito convencida. Agora Bino tinha cada vez menos certeza. Sentia que tinha perdido alguma coisa importante do que a avó estava dizendo. E não sabia quando ela ia falar nisso de novo.” (MACHADO, 1980, p. 30).

Bino e Dilson brincavam de correr das ondas do mar e de vez em quando trocavam ideias, os dois caminharam de volta para a vila e ao se aproximar Bino resolveu quebrar o silêncio e perguntou para o amigo se ele sabia alguma história de

estrela, mas o amigo disse que só sabia histórias relacionadas as estrelas do céu. Dilson ficou indignado com a insistência de Bino, pois para ele não poderia existir estrela da terra, no entanto, Bino lembrou de algo interessante:

Naquela pedra brilhante que um dia um homem estava mostrando na venda do Geraldo. Como chamava mesmo? Era um nome que lembrava o canto do galo no terreiro, o Menino Jesus no presépio da capela. Cristo, crista... Cristal. Era isso. Uma estrela presa na pedra. Estrela da terra. (MACHADO, 1980, p. 34).

Mas Bino preferiu esconder esse detalhe de Dilson e foi direto ao assunto *Estrela-do-mar*, foi quando Dilson afirmou que dava sorte e que era possível fazer leituras com elas, e cada vez mais Bino ficava agoniado para saber mais sobre as histórias relacionadas as estrelas. O coração do jovem batia mais rápido, ele observava o mar, e ficava curioso sobre o que aconteceria se acabasse se afastando de casa e ir seguindo o mar. Já no barco do amigo Mané Faustino, Bino observa a face dele, onde é possível imaginar, com a descrição dada pelo narrador, os traços de possíveis sofrimentos dos antigos escravizados, agora registrados no rosto de um personagem como forma de exemplificar o que poderia ter ocorrido do outro lado do mar. O personagem Mané Faustino afirma que:

Meu filho, nunca fui para lá a vida toda. Nem conheço gente que foi. Mas quando eu era criança, moleque que nem vocês dois, conheci muita gente que era filha de gente que tinha vindo de lá (...), Coisa triste da viagem, do cativeiro, dos maus-tratos. Pai para um lado, filho para o outro, pancada, todo mundo sem entender nada do que estava acontecendo, tudo amontoado no porão, preso com corrente, sem saber para onde ia, sem querer comer para ver se morria de uma vez e acabava aquele inferno... coisa triste... não é bom lembrar... (MACHADO, 1980, p. 38).

E Bino, ainda muito curioso olhava profundamente aquele “rosto enrugado, queimado do sol, cheio de dobras nos cantos dos olhos, com a barba grande, e a boca faltando dentes”, essas são as marcas retratadas no livro, as quais foram colocadas propositalmente para aprofundar a imaginação do leitor e dar contraste com a história, as marcas relatadas são memórias do sofrimento, da escravidão! Bino insistiu um pouco mais, queria saber o que aconteceu depois, e claro, obteve sua resposta:

Os homens trouxeram todo mundo para o lado de cá. E depois do mar, espalharam na terra daqui todo mundo que sobrou, todo mundo que não morreu na viagem. Cada um para um lado. Ninguém viu mais os reis. Só ficavam falando neles, contando história, cantando música de lá do outro

lado. Mas com o tempo a gente vai esquecendo. Não é bom lembrar... só coisa triste... (MACHADO, 1980, p. 38).

Então, depois de uma resposta triste, e um tanto quanto inesperada, o garoto desistiu; a história então continua, e já em casa Bino se encontra com outra amiga sua, a Maria. Depois de conversarem muito e brincarem na areia da praia, os dois correm e mergulham em meio as ondas do mar. Maria lembra para Bino sobre a festa de São Benedito que estava chegando, pois ele havia esquecido, e as boas memórias dos anos anteriores invadem a mente do menino, e de repente a curiosidade do jovem bate novamente, dessa vez ele queria mesmo era saber sobre os reis que tinham do outro lado, já que para ele o maior de todos era o rei Congo, por quem nutria forte admiração, para ele era um rei lindo.

Ele segue perguntando a Maria se ela sabe de algum rei, que existiu antes dos “homens” chegarem e levarem todo mundo preso, e ela afirma, logo o livro traz mais uma passagem que remonta e revive as memórias africanas sobre os cativos de antes, o sofrimento da escravidão onde até mesmo reis, rainhas e princesas foram aprisionados:

Agora estava interessado era no rei. No tal rei cativo, arrancado à força da sua terra e trazido para cá com os outros. Espalhados todos na nova terra. Quem sabe ele não tinha algum filho, neto ou bisneto por aí, esperando ser descoberto para ser rei de novo? Quem sabe até se não era mesmo um moleque bem assim como ele, Bino? (MACHADO, 1980, p. 44).

Percebendo que Bino viajava em seus pensamentos, Maria explicou a Bino que do outro lado, os reis não possuíam nada nem mesmo roupas, ela seguiu mencionando que lá eles não eram reis. Porém, a menina fantasia um pouco, pois menciona a possível beleza que os “chefes” deles poderiam ter, e também expressa a vontade e o desejo de ter permanecido nesse lugar com a família:

E aquela porção de coisas bonitas em volta, feitas de palha e de barro, de madeira e de pena, de ossos e de concha... ah, bem que tem horas que me dá vontade de que minha avó nunca tivesse saído de lá e eu ainda pudesse ser toda índia, morando no mato, dormindo em rede, pescando... (MACHADO, 1980, p. 45).

Depois ela mesmo segue explicando para Bino que nem mesmo o pessoal do outro lado é índio, que isso é fantasia da cabeça de Maria, logo ela é questionada sobre como se chega lá e acaba não sabendo responder, pois Bino percebe que Maria

gostava de inventar história. Depois de um tempo discutindo, ela continua falando sobre o que gostava de fazer do outro lado, e umas dessas coisas era observar as estrelas, e Bino pergunta sobre as estrelas do mar, porém ela nega dizendo que, na verdade se tratava das estrelas do céu.

Nesse mesmo instante, a conversa estava boa, novamente o livro retrata mais algumas marcas deixadas pela escravidão, as histórias antigas que ainda permaneciam vivas nas mentes e se faziam presentes nas vidas dos personagens, que seriam como os índios viviam livres como pássaros até a chegada dos “homens” que, em seguida, fizeram aquele paraíso perder toda a sua beleza e encanto, fora que eles também trouxeram muita gente presa consigo. Foi então que surgiu a dúvida, “será que tem príncipe do outro lado do mar?”, Dilson que estava ouvindo a conversa dos dois completou: — “Tem que ter avô, ou bisavô, ou tataravô que tenha vindo do outro lado do mar. No porão de um navio. Amarrado e maltratado. Cativo, para ser rei de verdade, só quem já foi cativo”. — Nessa fala dele, fica evidente que há uma admiração por parte dos africanos, no caso dos personagens, pelos negros que sobreviveram a escravidão, foram libertos e retornaram para a África, onde eles seriam vistos e admirados como reis, ou até mesmo reverenciados como santos, como seria o caso de São Benedito.

Houve então a festa de São Benedito, onde todos estavam alegres e festejavam, algum tempo depois Bino olhava para o mar, ajudava os pescadores com as velas dos barcos e sempre os enchia de perguntas relacionadas àquela imensidão de água. O menino questionou sobre o que seriam os mapas, se era possível saber tudo e localizar tudo através deles, então pediu para que Tião trouxesse um para ele. Na verdade, ele queria saber o que tinha do outro lado do mar, já era uma obsessão para o pequeno Bino. Então Tião explicou que do outro lado era onde os cativos ficavam, lá era a “África” antiga, e do “lado de cá”, como ele mesmo explicou, era a “nova África”.

Bino ficou confuso achando que a África seria alguém, mas Tião explicou que África era uma só, e como se voltasse as memórias antigas o livro reconta que:

A gente veio nos navios, tudo cativo, amarrado, levando pancada. Depois foi todo mundo espalhado na terra do lado de cá, trabalhando de graça para os outros, sem poder ir embora. Só não entendo é como é que deu para espalhar tanto, para um ficar tão longe do outro, se antes era tão perto numa África só... (MACHADO, 1980, p. 60).

A história continua com a procissão, e depois de ouvir algumas músicas relacionadas ao santo, observando as barracas e as bandeiras coloridas, Bino vê uma estrela de cinco pontas na coroa do santo, e novamente começa a fazer seus questionamentos sobre o rei e São Benedito, e logo Tião falou sobre um rei cativo que se chamava Zumbi:

Eu sei é que tinha um Zumbi que era o rei e veio para o lado de cá, preso, cativo. Depois o filho dele fugiu. Levou muita gente junto. Fizeram um quilombo, reino de preto que não era mais cativo. Lutaram muitos e muitos anos para conseguir não ser cativo de novo. Os filhos tiveram filhos. O rei chamava sempre Zumbi ou um nome parecido. Até que os bandeirantes chegaram e acabaram com tudo. Mas era um reino grande, cheio de gente, com muita terra. (MACHADO, 1980, p. 71).

Bino viajou na história, na verdade ele amou e até pensou que um dia seria rei, e com isso disse que um dia já iria levar vantagem, ele não sabia ao certo, mas se caso o rei era o mais forte, teria que entrar na luta primeiro, mas a verdade era que tudo não passava da imaginação dele. Bino foi pegar uma flor para Maria, a flor tinha cinco pontas, e observando o céu, as estrelas, o mar, agora ele sabia de onde tinham vindo todos os reis, e também foi do mesmo lugar que vieram o povo de Maria. Para ele as memórias e histórias se misturavam e tinham cheiros; maria cheirou a flor e ajeitou no cabelo, ele deu um beijo na menina e os dois voltaram de mãos dadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar todo esse contexto que se desenrolou dentro da história apresentada na obra (*Do Outro Lado Tem Segredos*) e também o problema, que acabou sendo devido a identificação dos santos negros ou entidades dentro da religião, verificou-se que é de fundamental importância analisar todos os fatos, ambos os lados da questão, para que assim possa ser evitado alguma deturpação da realidade, pois é necessário mostrar a riqueza de ambas as culturas sem negligenciá-las ou ofendê-las.

O objetivo desse trabalho foi analisar como se desenrolou os traços da escravidão, cultura, religião e suas características a partir da obra literária “*Do Outro Lado Tem Segredos*”, utilizando-se da pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, para analisar livros e periódicos, o que significa dizer que por meio de leitura e comparação o objetivo foi finalmente alcançado e o problema foi respondido no desenvolver da pesquisa e das situações discorridas.

Em seguida, apresenta-se a necessidade de discorrer sobre as marcas que a escravidão gerou no pós-abolição a qual foi um momento importante para os negros, em relação a história de todos principalmente na questão cultural e religiosa. Logo, foi preciso argumentar acerca da religião e crenças dos escravizados de acordo com o que foi exposto no livro e debater-las, pois algumas características dentro da história apresentada podem facilmente confundir duas religiões como sendo uma só, porém cada uma delas, possui sua história e cultura. Sendo assim, devem ser respeitadas e nenhum de seus aspectos negligenciados para que dessa maneira não sejam ofendidos os seus seguidores. Também dentro do texto foi exposto reflexões em relação as características da escravidão mostradas no livro como uma forma de debate consciente, pois é preciso que as gerações que estão começando a ter conhecimento sobre essa parte da história dos escravizados conheça “o outro lado”, bem como o menino Bino que tinha curiosidade em saber o aconteceu.

Os resultados da pesquisa apresentada foram alcançados, por isso é importante considerar que: a vinda das pessoas escravizadas foi um marco triste devido ao sofrimento que eles passaram, no entanto para a história foi algo importante

do quesito cultura e religião, pois dessa forma tanto o Brasil como a África puderam elencar características culturais belíssimas e fortes de cada povo que deixou a sua marca histórica através da música, idioma, danças ou religião. Além disso, a literatura pode ser usada como um meio de passar conhecimento por meio de contos divertidos e que encantam.

Houveram algumas limitações para que o trabalho fosse realizado, a qual tempo para um melhor desenvolvimento foi curto, o que talvez acabou dificultando o estudo e a pesquisa por mais evidências que fossem capazes de fortalecer os pontos que aqui puderam ser abordados. Porém, apesar de tantas dificuldades os objetivos foram alcançados. Caso, possam surgir outros interesses por pesquisas na mesma área, existem outras fontes que abordam a escravidão na literatura como: Castro Alves, Machado de Assis e Olavo Bilac. Contudo, mesmo que a análise possa ter alcançado o objetivo para o presente momento, pode ser que outras investigações a respeito do tema ainda sejam desenvolvidas tendo por finalidade ampliar a pesquisa e todo conhecimento abordado e discutido.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. Capítulos de história colonial: 1500-1800. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

CAMPOS, Tiago Soares. Reino do Congo. Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/o-reino-congo.htm> Acesso em: 20 de maio de 2024.

COSTA, Emília Viotti da. Da monarquia à república: momentos decisivos. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2007._____, Emília Viotti. Abolição. São Paulo: UNESP, 2008.

CREMONESI, André Guilherme. Resistência escrava apesar da lei: a violência senhorial e cerceamento legal contra os escravizados no Brasil Império. Trilhas da História, 2020.

FRANZ, Nayara Régis. A conversão do reino do Congo: o catolicismo africano. Revista de Trabalhos Acadêmicos. Volume 3, 2012.

FRAZÃO, Dilva. Ana Maria Machado: escritora brasileira. Ebiografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ana_maria_machado/ Acesso em: 03 de abril de 2024.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter. GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. História da capoeira. Maringá, V.13, 2002.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30.ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GARIBOTI, Diuster de Franceschi. BLANCO, Yago Freitas. Cidadania negra no Brasil dos pós abolição: a representatividade política dos negros. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 06, Ed. 12, Vol. 09, 2021.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negras raízes mineiras: os Arturos. Belo Horizonte: Mazza, 2000

LEITE, Maria Jorge dos Santos. Tráfico Atlântico, escravidão e resistência no Brasil. Sankofa, 2017.

MENDES, Levi. João I do Congo. Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_I_do_Congo Acesso em: 20 de maio de 2024.

MOURA, Clóvis. Dicionário da Escravidão Negra no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

REIS, André Luiz Teixeira. Brincando de capoeira. Cidade: Ed. Abadá, 1997.

ROSSI, Amanda. GRAGNANI, Juliana. A luta esquecida dos negros pelo fim da escravidão no Brasil. BCC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/lutapelaabolicao> Acesso em: 11 de abril de 2024.

SILVA, Daniel Neves. Escravidão no Brasil. Brasil Escola. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadoBrasil/escravidao-no-brasil.htm> Acesso em: 11 de abril de 2024.

SILVA, Daniel Neves. Como ficou a vida dos ex-escravos após a Lei Áurea?. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/como-ficou-vida-dos-ex-escravos-apos-lei-aurea.htm> Acesso em: 11 de abril de 2024.

SILVA, Daniel Neves. "Escravidão no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/escravidao-no-brasil.htm>. Acesso em: 11 de abril de 2024.

SILVA, Felipe Pereira da. A representação do negro na literatura infanto-juvenil de Ana Maria Machado [manuscrito] / Felipe Pereira da Silva. 2016.

SOUZA, Laura de Melo e. Ronaldo Valnfas - Ideologia e escravidão – os letrados e a sociedade escravista no Brasil Colonial. Petrópolis, Vozes, 1986.

_____. A Igreja na República Democrática do Congo. Vatican News. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2023-01/igreja-catolica-republica-democratica-congo.html#:~:text=A%20Igreja%20da%20Rep%C3%ABlica%20Democr%C3%A1tica,a%20religi%C3%A3o%20oficial%20do%20Reino> Acesso em: 20 de maio de 2024